
O A-DEUS DE FERNANDO PESSOA (Aspectos metafísicos e religiosos de sua poesia)

Armando Trevisan
UFRGS

Um gênio como Fernando Pessoa não pode ser unidimensionalizado. Pode ser unificado, até onde a diversidade que nele existe o permite. Nada mais significativo do que o título de um dos estudos mais agudos e abrangentes já publicados sobre o poeta: *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*, do Prof. Jacinto de Prado Coelho.¹ Conscientes de tal diversidade, tentaremos fundamentar-nos em alguns dos alicerces da cosmovisão pessoana. Levaremos em conta, também, a observação do mesmo Professor: "Em sua obra não se descobre progressão."² Nossa análise partirá da poesia de Pessoa, nada pressupondo que não se encontre, implícito ou explícito, nela. Não escreveu o poeta: "Minha pátria é a língua portuguesa"?³ Com algum exagero acrescentamos: a biografia - deste homem "sem biografia" - são seus versos.

Prescindiremos da questão dos heterônimos, que personalizam e, sobretudo, pessoalizam sua produção do ponto de vista estritamente poético. Os heterônimos são personagens que, de algum modo, dramatizam uma intimidade que se apresenta única. Para dizer com o próprio Pessoa:

"Quanto mais eu sinta, quanto mais eu sinta como várias pessoas,
Quanto mais personalidade eu tiver,
Quanto mais intensamente, estritamente as tiver,
Quanto mais simultaneamente sentir com todas elas,
Quanto mais unificadamente diverso, dispersadamente atento,
Estiver, sentir, viver, for,
Mais possuirei a existência total do universo,
Mais complexo serei pelo espaço inteiro fora." (O.P. p. 375)*

I. O ponto de partida de Pessoa: o horror à morte.

Em relação à morte, o poeta adota duas atitudes contraditórias: a primeira, de serenidade e simulado consentimento; a segunda, que parece corresponder aos seus estados de ânimo mais íntimos, expressa uma profunda aversão à fatalidade do destino. Sob a pena de Alberto Caeiro, observa:

"A realidade não precisa de mim.
Sinto uma alegria enorme
Ao pensar que a minha morte não tem importância nenhuma.
(...)
Por isso, se morrer agora, morro contente,
Porque tudo é real e tudo está certo." (p.178)

Aparentemente, nada ensombrece a paz do poeta:

"Por que não afrontarei, sorridente, inconsciente, a Morte?
(...)
Ah, afronte eu como um bicho a morte que ele não sabe que existe." (p.371)

O poeta chega a imaginá-la doméstica. Compara-a a uma amiga, a uma mãe (ou amante):

"Quero a morte,
E ao sentir os seus passos
Alegremente e apagadamente
Me voltarei lento para o seu lado,
Deixando enfim cair sob o meu braço
Minha cabeça, olhos cerrados, quentes
Do choro vago já meio esquecido." (p.433)

* Todas as citações dos poemas de Fernando Pessoa são extraídas de: *Obra Poética* (org., Intr. e Notas de Maria Aliete Dóres Galhoz). Rio de Janeiro: Editora José Aguilar Ltda, 1960.

Sugere uma vaga impressão mística de desejo:

"(...) Vem pois, oh Morte!
Sinto-te os passos! Sinto-te! O teu seio
Deve ser suave e ouvir o teu coração
Como uma melodia estranha e vaga
Que enleva até ao sono e passa o sono." (p.457)

Não nos deixemos, porém, impressionar por essas impressões. Trata-se de uma atitude "sedutora": é como se um menino assobiasse na floresta para ter coragem de atravessá-la. O poeta logo manifesta os seus verdadeiros sentimentos, que são outros, tão outros que se torna razoável, sem nos apartarmos do leito de seu lirismo, perguntar-nos: haverá, subjacente a tudo isso, algum incidente biográfico, algum trauma de infância?

"(...)
O horror súbito do enterro que passa
E tira a máscara a todas as esperanças.
Ali...
Ali vai a conclusão.
Ali, fechado e selado,
Ali, debaixo do chumbo lacrado e com cal na cara
Vai, que pena como nós,
Vai o que sentiu com nós,
Vai o nós!
Ali, sob um pano cru acro é horroroso como uma abóboda de cárcere
Ali, ali, ali... E eu?" (p.379)

A experiência da morte suscita em Pessoa uma de suas efusões mais cálidas, um inesperado toque de ternura que, de resto, é imediatamente atenuado, pois o poeta não se permite "sensiblerías":

"Tive sempre, feliz ou infelizmente, a sensibilidade humanizada,
E toda a morte me doeu sempre pessoalmente,
Sim, não só pelo mistério de ficar inexpressivo o orgânico,
Mas de maneira direta, cá do coração." (p.381)

A expressão elíptica de tais versos substitui-se, em breve, por expressões mais veementes:

"(...)
- Me toma a gorja, com horror de negro,
O pensamento da hora inevitável,

E a verdade da morte me confrange." (p.178)

No mesmo poema:

"E o sentimento de que a vida passa
E o senti-la passar
Toma em mim tal intensidade
De desolado e confragido horror,
Que a esse próprio horror, horror eu tenho
Por ele e por senti-lo,
E por senti-lo como tal." (p.435)

A palavra horror é várias vezes reiterada. Ganha relevo num poema que se intitula, precisamente, *O Temor da Morte*:

"(...) Mas a morte, a morte,
Ah, como a temo! Para onde fugir?
(...)
Não é o horror à morte, porque raie
Nela o mistério em mim, nem venha nela
Ou o acabar-me ou o continuar-me...

.....
Não. Não é na minha alma que os sineiros
Rebatem medo pelo que hei de ser.
É a minha carne que em minha alma grita
Horror à morte, carnalmente o grita,
Grita-o sem consciência nem propósito,
Grita-o sem outro medo do que o medo.
Um pavor corporado, um pavor frio
Como uma névoa, um pavor de todo eu
Subindo à tona intelectual de mim." (p.458-459)

Raramente, em toda a literatura mundial, se poetizou a angústia existencial com tão desnudada ferocidade, com tão visceral grandeza. É permitido aproximar tais versos do grito de Getsêmani, confrontá-los com os gemidos de Cristo: "Sinto uma tristeza de morte! (...) Meu pai, se este cálice de amargura não pode ser afastado de mim sem que eu o beba, faça-se a tua vontade." (Mt. 26, 38-42). Na época em que Pessoa escrevia, semelhante tipo de abordagem fenomenológica era insólito. Só o Existencialismo do pós-guerra mexerá no nervo exposto da angústia, rechaçando toda e qualquer anestesia. Notemos que Pessoa não se empareda dentro do "horror". Vai muito além dele, formulando a questão ontológica que lateja no seu bojo. Enuncia-a com uma comoção que dista muito da assepsia de Heidegger e seus parceiros. No poema *De-*

mogorgon", escrito um ano após a publicação da primeira parte de *O Ser e o Tempo*, ou seja, em 12 de abril de 1928, escreve o poeta:

"Não, não, isso não!
Tudo menos saber o que é o Mistério!
(...)
Deixai-me viver sem saber nada e morrer se ir saber nada!
A razão de haver ser, a razão de haver seres, de haver tudo,
Deve trazer uma loucura maior que os espaços
Entre as almas e entre as estrelas.
(...)
Não, não, a verdade não! Deixai-me estas casas e esta gente,
Assim mesmo, sem mais nada, estas casas e esta gente..." (p.330)

É possível que os espaços do poema queiram referir-se ao Pensamento Nº 206 de Pascal: "O silêncio desses espaços infinitos me apavora..." . Outro poema parece confirmar tal interpretação:

"Não quero ir à janela:
Se eu olhar, que de estrelas!
Que grandes silêncios maiores há no alto!" (p.359)

Pessoa dá, porém, maior atenção ao problema ontológico:

"Aquilo que, quando se abrangeu tudo, ainda ficou fora
Porque quando se abrangeu tudo não se abrangeu explicar por que é um tudo,
Por que há qualquer coisa, por que há qualquer coisa, por que há qualquer coisa!"(p.370)

Pode-se visualizar um indivíduo, de punhos cerrados, a esmurrar um porta - que não ceda! Mas o poeta não deixa de esmurrá-la:

" _____ → O inexplicável horror
De saber que esta vida é verdadeira,
Que é uma coisa real, que (como um) ser
Em todo o seu mistério (...)
Realmente real." (p.437)

Volta a insistir:

" _____ → E eu cambaleio
Pelas vias escuras da loucura
Olhos vagos de susto, pelo (horror)

De haver realidade e de haver ser,
De haver o fato da realidade." (p.439)

Talvez a expressão mais técnica do problema se encontre nos seguintes versos:

"Mais que a existência
É um mistério o existir, o ser, o haver
Um ser, uma existência, um existir -
Um qualquer, que não este, por ser este -
Este é o problema que perturba mais.
O que é existir - não nós ou o munso -
Mas existir em si?" (p.431)

Tais excertos de Pessoa ampliam-se à luz dos pressupostos da Filosofias Existencialistas, principalmente da de Heidegger. Comparêmo-los com a seguinte observação do historiador da Filosofia Contemporânea, I. M. Bochenski: "A angústia difere do medo em que, na angústia, a ameaça não se encontra em parte alguma. A fonte da angústia é o mundo como tal; é aquilo que nos angustia é a nossa possibilidade-de-ser-no-mundo."⁴

II. O "Pecado Original" da condição humana é a consciência que separa o corpo da alma, sendo responsável pela cisão essencial: o pensamento

Pessoa expõe uma concepção pessimista do pensar que, antes de mais nada, se identifica com a auto-consciência. Que é recordar-se?

"A recordação é uma traição à Natureza,
Porque a Natureza de ontem não é Natureza.
O que foi não é nada, e lembrar é não ver." (p.163)

Seria, então, o exercício do pensamento a busca de uma visão coerente e unitária?

"(...) não há um todo a que isso pertença
Que um conjunto real e verdadeiro
É uma doença das nossas idéias." (p.165)

Com ácida ironia, denuncia a pretensão dos que posam de donos da verdade:

"(...) Ó Verdade, esquece-te de mim!" (p.330)

Se pensar é interrogar-se, convém ter cuidado:

"Mas porque me interrogo, senão porque estou doente?" (p.181)

"Vê de longe a vida

Nunca a interrogues." (p. 217)

Segundo Pessoa, mesmo quando o pensar se confunde com a investigação, há uma espécie de violação da inocência primordial:

"(...) Só pensar

Desflora até ao íntimo do ser

Este perpétuo analisar de tudo,

Este buscar de uma nudez suprema

É que tira a inocência verdadeita,

(...) (p.446)

O mesmo se diga de nossas idéias sobre o mundo:

"Então as pedras escrevem versos?

Então as plantas têm idéias sobre o mundo?

Sim: há diferença.

Mas não é a diferença que encontras;

Porque o ter consciência não me obriga a ter teorias sobre as coisas:

Só me obriga a se consciente." (p.174-175)

Em última análise, pensar é o mesmo que "sentir com a cabeça"(p. 547). Tal excesso de racionalismo induz o poeta ao repúdio da cruel lucidez, que nunca dá trégua, e que, à maneira de uma lâmpada contra as pupilas, produz um simulacro de insônia:

"Se, de noite, deitado mas desperto,

Na lucidez inútil de não poder dormir

(...)

Quero alongar a vista com que imagino

Por grandes palmares fantásticos,

Mas não vejo mais,

Contra a espécie de lado de dentro de pálpebras,

Que Lisboa com suas casas

De várias cores." (p.356)

Resumindo: "o espinho essencial de ser consciente" (p. 391) constitui uma sorte de demência em estado puro, alquímico:

"Eu sou um internado num manicômio sem manicômio.
Estou doído a frio,
Estou lúcido e louco,
Estou alheio a tudo e igual a todos:
Estou dormindo desperto com sonhos que são loucura
Porque não são sonhos.
Estou assim." (p.357)

A conclusão é de uma negatividade radical: "Pensar é um vício" (p. 575). Não estranhemos os seguintes versos, que realçam a dimensão sísifiana do homem:

"Não tenho a defesa de poder ter opiniões sociais.
Não tenho, mesmo, defesa nenhuma: sou lúcido.
Não me queiram converter a convicção: sou lúcido.
Já disse: sou lúcido.
Nada de estéticas com coração: sou lúcido.
Merda! Sou lúcido." (p.384-385)

Esta é a odiada - e paradoxalmente cobiçada - lucidez que encurrala o homem, forçando-o à descoberta do dilema hamletiano: ser ou não ser? Albert Camus expressa o impasse com nitidez: "Só há um problema verdadeiramente sério: o suicídio."⁵ À sua maneira, que sempre é absolutamente pessoal, o poeta toma partido pela vida, juntando-se aos que, como Chesterton, ratificam "o juramento cósmico de fidelidade": "O homem pertence a este mundo antes de ter tempo de perguntar se será uma bela coisa pertencer a ele."⁶ Eis as palavras de Pessoa no seu conhecido "Bicardonato de Soda":

"Súbita uma angústia...
(...)
Mas o que é que me falta, que o sinto faltar-me no estômago e na circulação do sangue?
Que atordoamento vazio me esfalfa no cérebro
Devo tomar qualquer coisa ou suicidar-me?
Não: vou existir. Arre! Vou existir.
E-xis-tir...
E-xis-tir..." (p.345)

A despeito de tão enfática declaração de amor à vida, o poeta mantém sua persuasão sobre a inutilidade de tudo. Em *Tabacaria* um de seus poemas mais universalmente citados, compõe uma espécie de hino nacional do absurdo. Entenda-se por absurdo não só a constatação da ausência de sentido da realidade, mas também a tristeza - ou antes, a raiva - de não poder aceitá-la. *Tabacaria* é uma composição maravilhosamente sentida, formalmente exemplar, com imagens de um frescor e limpidez extraordinários. Igualar-se às maiores criações do imaginário mundial. Mediante tais versos a língua portuguesa guinda-se às alturas estilísticas, e desce às profundezas psicológicas, de obras-primas como o *O Livro de Jó*, *A Divina Comédia* ou as *Tragédias* de Shakespeare:

"Não sou nada.
Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.
Janelas do meu quarto,
Do meu quarto de um dos milhão do mundo que ninguém sabe que é
(E se soubessem quem é, o que saberiam?),
Dais para o mistério de uma rua cruzada constantemente por gente
Para uma rua unaccessível a todos os pensamentos,
Real, impossivelmente real, certa, desconhecidamente certa,
Com o mistério das coisas por baixo das pedras e dos seres,
Com a morte a pôr umidade nas paredes e cabelos brancos nos homens,
Com o Destino a conduzir a carroça de tudo pela estrada de nada.

Estou hoje vencido como se soubesse a verdade.
Estou hoje lúcido como se estivesse para morrer,

E não tivesse mais irmandade com as coisas
Senão uma despedida tornando-se esta casa e este lado da rua
A fileira de carruagens de um comboio, e uma partida apitada
De dentro da minha cabeça,
E uma sacudidela dos meus nerco e um ranger de ossos na ida.

Estou hoje perplexo, como quem pensou e achou e esqueceu.
Estou hoje dividido entre a lealdade que devo
À tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora,
E à sensação de que tudo é sonho, como coisa real por dentro

(...)

Tenho sonhado mais que o que Napoleão fez.
Tenho apertado ao peito hipotético mais humanidade do que Cristo,
Tenho feito filosofias em segredo que nenhum Kant escreveu.

Mas sou, e talvez serei sempre, o da mansarda,
Ainda que não more nela;
Serei sempre o que não nasceu para isso;
Serei sempre só o que tinha qualidades;
Serei sempre o que esperou que lhe abrissem a porta ao pé de uma parede
sem porta
E cantou a cantiga do Infinito numa capoeira,
E ouviu a voz de Deus num poço tapado.
Crer em mim? Não, nem em nada.
Derrame-me a Natureza sobre a cabeça ardente
O seu sol, a sua chuva, o vento que me acha o cabelo,
E o resto que venha se vier, ou tiver que vir, ou não venha.
Escravos cardíacos das estrelas,
Conquistamos todo o mundo antes de nos levantar da cama;
Mas acordamos e ele é opaco,
Levantamo-nos e ele é alheio,
Saímos de casa e ele é a terra inteira,
Mais o sistema solar e a Vida Láctea e o Indefinido.” (p.323-325)

Pessoa não cessa de repisar o seu pessimismo existencial:

“É inútil tudo, é inútil tudo, é inútil tudo.” (p. 346)

No poema: *Grandes são os desertos, e tudo é deserto*, exclama:

“Grande é a vida, e não vale a pesna haver vida.” (p. 347)

Queixa-se, ainda, do silêncio - ou antes, do mutismo absoluto das coisas, e da própria existência condenada à invocação de si mesma, numa espécie de narcisismo:

“Os antigos invocavam as Musas.
Nós invocamo-nos a nós mesmos.
(...)
Quantas vezes me tenho debruçado
Sobre o poço que me suponho
E balido “Ah!” para ouvir um eco,
E não tenho ouvido mais que o visto -
O vago alvor escuro com que a água resplandece
Lá na inutilidade do fundo.
Nenhum eco para mim...
Só vagamente uma cara,
Que deve ser a minha, por não ser de outro.”(p. 363)

Resta, portanto, à criatura a resignação, e a insensata alegria de viver:

"Desfraldando ao conjunto fictício dos céus estrelados
O esplendor do sentido nenhum da vida."(p. 385)

Tal esplendor do sentido nenhum da vida parece pagar generoso pedágio ao tédio do Qoélet que, no século IV ou III a.C., extravasava, na Bíblia, seu cansaço de viver em versículos de um sabor que sempre encontrou ressonância na História:

"Ilusão! Pura ilusão! Tudo é uma ilusão.
Que proveito tira uma Pessoa
De tantos trabalhos que tem neste mundo?
Uma geração vai, outra geração vem,
mas a terra continua sempre a mesma.
(...)
Todas as coisas nos cansam tanto,
que não há palavras para explicar.
Ninguém se satisfaz com aquilo que os seus olhos vêem,
nem com aquilo que os seus ouvidos ouvem.
(...) Dei-me conta de que tudo aquilo que se faz neste mundo
é realmente ilusão, é correr atrás do vento. Não se pode enditeitar
o que é torto, nem se pode contar o que não existe." (Eclesiastes, I, 2-4; 8; 13-15)

Será este o cansaço de Pessoa, porém menos moral, e mais metafísico? O poeta, por vezes, parece deleitar-se na sua fadiga temperada pelo humor:

"Tenho visto muito e entendido muito o que tenho visto,
E há um certo prazer até no cansaço que isto nos dá,
Que afinal a cabeça sempre serve para alguma coisa." (p. 365)

Ainda:

"Que teorias há para quem sente
O cérebro quebrar-se como um dente
Dum pente de mendigo que emigrou?

Fecho o caderno dos apontamentos
E faço riscos mole e cinzentos
Nas costas do envelope do que sou." (p. 394)

Não consegue ocultar, o fogo que, por assim dizer, se espreguiça sob as cinzas do seu íntimo vulcão:

"O que há em mim é sobretudo cansaço -
Não disto ou daquilo
Nem sequer de tudo ou de nada:
Cansaço assim mesmo, ele mesmo,
Cansaço.
(...)

Um supremíssimocansaço,
Íssimo, íssimo, íssimo,
Cansaço." (p. 360-361)

III. A solução (ou in-solução) pessoana: a perda da consciência mediante a imersão no universo

1. REJEIÇÃO DOS IDEALISMOS

O poeta começa por afastar as soluções que qualifica de idealistas:

"Há sem dúvida quem ame o infinito,
Há sem dúvida quem deseje o impossível,
Há sem dúvida quem não queira nada -
Três tipos de idealistas, e eu nenhum deles:
Porque eu amo infinitamente o possível,
Porque quero tudo, ou um pouco mais, se puder ser,
Ou até se não puder ser..." (p. 361)

Confessa sua aversão ao que denomina sistemas vãos de vãs filosofias:

"É preciso também não ter filosofia nenhuma." (p. 171)

"Fui feliz porque não pedi coisa nenhuma,
Nem procurei achar nada
Nem achei que houvesse mais explicação
Que a palavra explicação não ter sentido nenhum." (p. 177)

"Nasci sujeito como os outros a erros e a defeitos,
Mas nunca ao erro de compreender demais,
Nunca ao defeito de exigir do Mundo
Que fosse qualquer coisa que não fosse o Mundo."(p. 180)

"Por que, pois, buscar
Sistemas vãos de vãs filosofias,
(...)
Quanto mais fundamente penso, mais
Profundamente me descompreendo.
O saber é a inconsciência de ignorar."(p. 437-438)

Poderia a Religião projetar alguma luz no mistério humano?

"A fé é isto: o pensamento
A querer enganar-se eternamente." (p. 438)

Sem dúvida, seria consolador contar com alguma ajuda transcendente:

"Se ao menos eu tivesse uma religião qualquer!
Por exemplo, por aquele manipanso
Que haveria em casa, lá nessa, trazido de África.
(...)
Se eu pudesse crer num manipanso qualquer -
Júpiter, Jeová, a Humanidade -
Qualquer serviria,
Pois o que é tudo senão o que pensamos de tudo?" (p. 357)

O próprio misticismo de nada vale:

"Tu, místico, vês uma significação em todas as coisas.
Para ti tudo tem um sentido velado.
Há uma coisa oculta em cada coisa que vês.
O que vês, vê-lo sempre para veres outra coisa.

Para mim, graças a ter olhos só para ver,
Eu vejo ausência de significado em todas as coisas:
Vejo-o e amo-o porque ser uma coisa é não significar nada." (p. 174)

2. O PROBLEMA DE DEUS

Que pensará Pessoa a respeito de Deus? Não é fácil extrair uma exposição de contronos bem definidos de sua poética. Ela é repleta de meandros e ambiguidades:

"Pensar em Deus é desobedecer a Deus,
Porque Deus quis que o não conhecêssemos,
Por isso se nos não mostra..." (p. 143)

Não raro, o poeta surpreende-nos com confissões estranhas, como esta:

"É um pavor físico de encontrar Deus faz-me fechar os olhos de repente." (p. 386)

Outras vezes, impacienta-se:

"Deus? Nojo. Céu, inferno? Nojo, nojo.
Pr'a que pensar, se há de parar aqui
O curto vôo do entendimento?." (p. 427)

Estas limitações da razão incomodam-no:

"Deus a si próprio não se compreende.
Sua origem é mais divina do que ele,
E ele não tem a origem que as palavras
Pensam fazer pensar..." (p. 428)

Seria, então, Deus uma energia cega do universo, uma força impessoal?

"Nem o bem, nem o mal define o mundo.
Alheio ao bem e ao mal, do céu profundo
Suposto o Fado que chamamos Deus,
Rege nem bem nem mal a terra e os céus." (p. 486)

Como habitualmente o faz, quando acuado, Pessoa recorre ao humor, que nele pode ter gosto ferino:

"Pus o meu Deus Deus no prego. Embrulhei em papel pardo
As esperanças e ambições que tive,
E hoje sou apenas um suicídio tardo,
Um desejo de dormir que ainda vive." (p. 490)

O Deus tradicional - o Deus dos lugares-comuns - não se enquadra no universo pessoano. Aliás, ele mesmo declara: "Pertencço a uma geração que herdou a descrença na fé cristã (no fato cristão) e que criou em si uma descrença em todas as outras fés."¹ Como reagirá, porém, o poeta à figura de Cristo? É necessário fineza ao abordar-se tal questão, uma vez que Pessoa esboça uma imagem totalmente subjetiva do Mestre, uma imagem que, logicamente, não coincide com a da Igreja Católica. O ódio a esta o induz a escrever um de seus mais insolentes poemas:

"Num meio-dia de fim de primavera
Tive um sonho como uma fotografia.
Vi Jesus Cristo descer à terra." (p. 143)

Pessoa estabelece, no decurso do poema, uma distinção nítida - e até grotesca - entre dois Cristos: o menino que fugiu do céu, a Eterna Criança, "o humano que é natural, o divino que sorri e que brinca"(p. 146), que constitui a sua quotidiana vida de poeta, que anda sempre consigo e que, um dia, talvez, despirá o seu ser cansado e humano para deitá-lo na sua cama; e o outro Jesus, que:

"Diz-me muito mal de Deus
Diz que ele é um velho estúpido e doente,
Sempre a escarrar no chão
E a dizer indecências.
A Virgem Maria leva as tardes da eternidade a fazer meia.
E o Espírito Santo coça-se com o bico
E empoleira-se nas cadeiras e suja-as.
Tudo no céu é estúpido como a Igreja Católica." (p. 145)

É óbvio que, nessa passagem, Pessoa não está se referindo à pessoa histórica de Cristo, nem à sua expressão iconográfica, fruto da Cristologia elaborada pelos grandes teólogos da Idade Média. O que o poeta pretende satirizar é uma certa piedade folclórica, eivada de miudezas devocionais, alheia ao culto litúrgico. Caçoa, também, do imaginário desconchavado dos carolas, que nada tem a ver com o magnífico simbolismo das criações da Arte Cristã. Admitidas tais ressalvas, devemos, todavia, reconhecer com pesar que o grande poeta não propõe um

¹ *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar Ltda, 1960. p. XXXIX-XL.

imagem digna e aceitável do Cristo dos Evangelhos. O Cristo pessoano é:
ou uma transposição mítica da condição poética:

"A mim ensinou-me tudo.
Ensinou-me a olhar para as coisas.
Aponta-me todas as coisas que há nas flores.
Mostra-me como as pedras são engraçadas
Quando a gente as tem na mão
E olha devagar para elas." (p. 145)

ou um "Deus triste" (p. 218), um desmancha-prazeres:

"Vós que, crentes em Cristos e Marias,
Turvais da minha frente as claras águas
Só para me dizerdes
Que há águas de outra espécie." (p. 209)

Chega a evocar um Cristo visionário, "um deus a mais - Talvez um
que faltava" (p. 199). Mas nem isso é satisfatório para ele:

"Já cheguei a aceitar como verdade
O que nos dão por ela, e a admitir
Uma realidade não real
Mas não sonhada (como o) Deus cristão." (p. 425)

Quem seria, então, este Cristo?

"(...)
Deus dorme, e é isso o mundo.
Mas se eu dormir também
Um sono qual Deus tem
Talvez eu sonhe o Bem -

O Bem do Mal que existo.
Esse sonho que avisto
Em mim chamo-lhe Cristo." (p. 566)

Um fato é evidente: o poeta detesta os seguidores do Mestre, os
que aderem à instituição eclesial:

"Não a ti, Cristo, odeio ou te não quero.
Em ti como nos outros creio deuses mais velhos.
Só te tenho por não mais nem menos
Do que eles, mas mais novo apenas." (p. 218)

Em outro poema:

"(...)
Tu não és mais que um deus a mais no eterno
Não a ti, mais aos teus, odeio, cristo."(p. 219)

Cáustico, ajunta:

"Eu sou monárquico mas não sou católico." (p. 257)

Típica de Pessoa é a recusa do caráter pessoal do Deus cristão:

"Deus pessoal, deus gente, dos que crêem,
Existe, para que eu te possa odiar!"(p. 451)

Não imaginemos, porém, que o a-teísmo do poeta seja do tipo não-me-importa. Pelo contrário, ele experimenta isso como uma tragédia insuportável. A rigor, Pessoa é um agnóstico e, por sê-lo, seu ateísmo é mais melancólico do que o militante:

"Uns têm - e é sofrer - o duvidar:
Há Deus ou não há Deus? Há alma ou não?
Eu não duvido, ignoro. E se o horror
De duvidar é grande, o de ignorar
Não tem nome nem entre os pensamentos." (p. 459)

3. UM NEO-PANTEÍSMO?

Às soluções soteriológicas do Cristianismo e de outras correntes religiosas do Ocidente contrapõe Pessoa uma espécie de imersão no universo. Esta é sustentada por um chassis de inspiração estóico-epicurista, que implica na colocação entre parênteses da lucidez, e num mínimo de despersonalização. Seriam, então, os heterônimos a outra feze deste anseio?

Inersão no universo:

"Seja o que for que esteja no centro do Mundo,
Deu-me o mundo exterior por exemplo de Realidade,
E quando digo 'isto é real', mesmo de um sentimento,

Vejo-o se querer em um espaço qualquer exterior.
Vejo-o com uma visão qualquer fora e alheio a mim.
Ser real quer dizer não estar dentro de mim.
Da minha pessoa de dentro não tenho noção de realidade.
Sei qu o mundo existe, mas não sei se existo.” (p. 180)

A realidade exterior, eis o dado imediato da consciência:

“Se o Mundo é um erro, é um erro de toda gente.
E cada um de nós é o erro de cada um de nós apenas.
Coisa por coisa, o Mundo é mais certo.
(...)
Sim, antes de sermos interior, somos exterior.
Por isso, somos exterior essencialmente.” (p. 181-182)

Espaço e tempo não passam de molduras psíquicas, em última análise ilusórias. Urge suprimi-las para atingir a “ciência de ver que não é nenhuma”:

“Eu quero só a realidade, as coisas sem presente.
Não quero incluir o tempo no meu esquema.
(...)
Eu devia vê-las, apenas vê-las;
Vê-las até não poder pensar nelas,
Vê-las sem tempo, nem espaço,
Ver podendo dispensar tudo menos o que se vê.” (p. 184)

Para se chegar ao ideal pessoano, torna-se imprescindível superar a dicotomia matéria-espírito:

“(...) Matéria e Espírito são apenas nomes confusos
Dados à grande sombra que ensopa o Exterior em sonho
E funde em Noite e Mistério o Universo Excessivo!” (p. 375)

Que pensar de outra dicotomia, a do corpo-alma?

“Creio mais no meu corpo do que na minha alma.
Porque o meu corpo apresenta-se no meio da realidade.
Podendo ser visto por outros,
Podendo tocar em outros,
Podendo sentar-se e estar de pé,
Mas a minha alma só pode ser definida por termos de fora.
Existe para mim - nos momentos em que julgo que efetivamente existe -
Por um empréstimo da realidade exterior do Mundo.” (p. 181)

Na busca da comunhão cósmica, Pessoa parece dispor-se a abrir não de sua lucidez obsessiva:

"Qualquer coisa que não vida!
Jota, fado, a confusão
Da última dança vivida...
Que eu não sinta o coração!" (p. 78)

O belo poema: *Ela canta, pobre ceifeira* (p. 74) encarna tal ideal de abandono:

"Ah, poder ser tu, sendo eu!
Ter a tua alegre inconsciência,
(...)" (p. 75)

Noutro passo diz:

"Não estarei bem se não me deitar na cama.
Nunca estive bem senão deitando-me no universo." (p. 349)

É curioso constatar que, num determinado momento, Pessoa exorbita de sua habitual medida, e dirige seus ideais na direção de uma sorte de *dérèglement des sens* à Rimbaud:

"(...) Quero hoje apenas
Sensações, muitas, muitas sensações,
De tudo, de todos neste mundo - humanas,
Não outras de delírios parteístas
Mas sim perpétuos choques de prazer
Mudando sempre,
(...)

Quero
Afogar em bulício, em luz, em vozes,
- Tumultuárias (cousas) usuais -
O sentimento da desolação
Que me enche e me avassala.
Folgaria
De encher num dia, (...) num trago,
A medida dos vícios, inda mesmo
Que fosse condenado eternamente -
Loucura! - ao tal inferno,
A um inferno real." (p. 447. Cf. tb. p. 463)

Tudo isso se configura como um ideal sensualista, uma espécie de manifesto materialista. Sobre isso o poeta esclarece-nos:

"Dizes, filósofo doente, filósofo enfim, que isto é materialismo.
Mas isto como pode ser materialismo, se materialismo é uma filosofia,
Se uma filosofia seria, pelo menos sendo minha, uma filosofia minha,
E isto nem sequer é meu, nem sequer sou eu?" (p. 182)

Pessoa não desiste de denunciar o "eu". Sob alguns aspectos, o eu é uma sombra de uma sombra:

"(...) nada tem sentido - nem a alma
Com que penso sozinho." (p. 231)

Acrescenta:

"(...)
Eu ...
Afinal tudo, porque tudo é eu,
E até as estrelas, ao que parece,
Me saíram da algibeira para deslumbrar crianças...
(...)
Mas eu, eu...
Eu sou eu,
Eu fico eu,
Eu...." (p. 364-365)

O "eu", pois, não passa de um intruso, que pode comprometer a imparcialidade da visão das coisas:

"Vi sempre o mundo independentemente de mim.
Por trás disso estavam as minhas sensações vivíssimas,
Mas isso era outro mundo.
Contudo a minha mágoa nunca me fez ver negro o que era cor de laranja,
Acima de tudo o mundo externo!
Eu que me aguente comigo e com os amigos de mim." (p. 372)

4. O FRACASSO DO AMOR

Poderá alguém perguntar: qual a atitude de Pessoa em relação ao amor? Haverá, na sua cosmosivão, espaço para ele ou, em termos mais

genéricos, haverá nela espaço para os sentimentos? É preciso, inicialmente, fazer uma distinção elementar: uma coisa é o que o poeta pensa, outra o que sente. Embora seja uma personalidade, até certo ponto de-vendável, o poeta pode ser comparado a um iceberg. Seus sentimentos são menos visíveis que sua idéias. Na qualidade, porém, de altíssimo poeta, sua maneira de expressar-se é por imagens e metáforas, como estas não se expõem, se compõem, o leitor é forçado - se quiser penetrar no seu mundo poético - a não só navegar, mas mergulhar no abismo de suas sensações, que "já viram Deus". (p. 56) É aqui, sobretudo, que o estudioso de Pessoa deve lançar mão do espírito de finura pascaliano.

Antes de mais nada, um fato: Pessoa declara não ter sido amado (ou não ter conseguido fazer-se amar?):

"Uma vez amei, julguei que me amariam,
Mas não fui amado.
Não fui amado pela única grande razão -
Porque não tinha que ser.
Consolei-me voltando ao sol e à chuva,
E sentando-me outra vez à porta de casa." (p. 177)

Traça uma visão negativa do mundo das relações: "Cada um consigo é triste." (p. 241) A descoberta do outro é sujeita a espelhismos:

"Ninguém a outro ama, senão que ama
O que de si há nele ou é suposto." (p. 239)

Compadece-se de si mesmo:

"Reza por mim! A mais não me enternço.
Só por mim mesmo sei enternecer-me,
Sob a ilusão de amar e de sentir
(...)" (p. 456)

Com pungente humor observa:

"Um dia, num restaurante, fora do espaço e do tempo,
Serviram-me o amor com dobrada fria.
Disse delicadamente ao missionário da cozinha
Que a preferia quente,

Que a dobrada (e era à moda do Porto) nunca se come fria.
(...)

Mas, se eu pedi amor, porque pe que me trouxeram
Dobrada à moda do Porto fria?" (p. 388-389)

Talvez estranhemos "o horror metafísico de Outrem!"(p.451) - que Pessoa confessa. Existem, mesmo, afinidades entre o modo como o poeta encara o olhar e a teoria sartriana do pudor. Notemos que Pessoa "vive de impressões sobretudo visuais" e que : "É sintomático da qualidade do seu espírito (...) que sublinhe o ato de ver, não o objeto da visão."² :

"Tanto fechei à chave aos olhos de outros,
Quanto em mim é instinto, que não sei
Com que gestos ou modos revelar
Um só instinto meu a olhos que olhem." (p. 451)

O olhar alheio - isto é, a consciência - tem, para Pessoa, qualquer coisa de medusante:

"O pavor de uma consciência alheia
Como um deus a espreitar-me:
Quem me dera
Ser a única (coisa ou) animal -
Para não ter olhares sobre mim!" (p. 451)

Também:

"Sinto horror
À significação que olhos humanos
Contém.....
Sinto preciso
Ocultar o meu íntimo aos olhares
E aos perscrutamentos que olhares mostram;
Não quero que ninguém saiba o que sinto,
Além de que o não posso a alguém dizer..." (p. 452)

Aproximemos tais versos da concepção do "ser-para-outrem" de Sartre. Um especialista condensa assim o núcleo do pensamento do filósofo: "Ao para-si o outro aparece primeiramente como um olhar (regard). Enquanto não há nenhum outro em nosso horizonte visual, organizamos todas as coisas em volta de nós próprios como centro: elas são nossos objetos. Se porém surge um outro e olha, por seu lado, em volta de si, produz-

² Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa. p. 20; p. 25.

se uma perturbação: o outro tenta então atrair a seu campo visual não só nossas coisas, mas também a nós mesmos e converter-nos num objeto de seu mundo. Pelo que, não pode haver mais do que uma relação fundamental entre os "para-si": cada um deles tenta objetivar o outro. Não se trata, é óbvio, de dominar o outro como um simples objeto, de matá-lo por assim dizer; o para-si quer dominar o outro como liberdade, e portanto possuí-lo, a um tempo, como objeto e como liberdade."³ Com menos tecnicidade outro autor desenvolve a mesma doutrina: "Quando me encontro sob o olhar do outro, ocorre, uma hemorragia; meu mundo se faz água e escorre: estou inteiramente entregue em minha aparência a outrem, como um em-se. O outro é, em princípio, aquele que me olha, não aquele que a quem olho, um um sujeito, não um objeto. Se me apanham desprevenido, ocupado com uma atividade da qual me envergonho ao se descoberto (por exemplo, espiando através do buraco de uma fechadura), torno-me consciente, não de mim mesmo mas de mim mesmo enquanto existente para-outrem. Esta é uma dimensão inacessível a mim mesmo. Eu não sou apenas o ser que fui (meu próprio *en-soi*, minha facticidade) e o ser que tenho que ser (minha possibilidade), mas também o ser que sou para-outrem. Descubro que minha liberdade está limitada pela de outrem, e que possuo um exterior que nunca poderei ver (...)"⁴ À luz disso é possível interpretar a frase de Sartre: "O inferno são os outros."

Pessoa insurge-se contra tal objetivação:

"Com que gesto de alma
Dou o passo de mim até a posse
Do corpo de outros, horrorosamente
Vivo, consciente, atento em mim, tão ele
Como eu sou eu."(p. 452)

Manifesta uma concepção negativa do amor:

"Não me concebo amado, nem dizendo
A alguém "eu te amo" - sem que me conceba
Com uma outra alma que não a minha.
Toda a expansão e transfusão de vida
Me horroriza, como a avaro a idéia

³ I. M. Bochenski. Ibid. p. 169.

⁴ BLACKHAM, H. J. Seis Pensadores Existencialistas. Barcelona: Ediciones de Occidente, 1965. p.120

De gastar e gastar inultimente -
Inda que no gastar se (extraia) gozo.
(...)
Nunca, senão pensando no amor,
Me sinto tão longínquo e deslocado,
Tão cheio de ódios contra o meu destino. -
De raivas conta a essência do viver." (p. 452-453)

Qual a razão - digamos - quais os obstáculos que impediriam ao poeta chegar à plenitude da relação amorosa? O poeta indica dois:

A) "...Não sei ser incosciente
(...)

B) "(...)
E eu tenho do alto orgulho a timidez
E sinto horror a abrir o ser a alguém,
A confiar nalgum. Horror eu sinto
A que perscrute alguém, ou levemente Ou não, quaisquer recantos do meu ser." (p. 453)

Não oculta sua aversão à proximidade corporal, ao próprio sexo.
Afinal, que é o sexo?

"O amor é que é essencial.
O sexo é só um acidente.
Pode ser igual
Ou diferente.
O homem não é um animal:
É uma carne inteligente,

Embora às vezes doente." (p. 581)

A nudez - toda e qualquer nudez - o desconcerta, como algo que lhe provocasse uma fissão íntima:

"Abandonar-me em braços nus e belos
(Inda que deles o amor viesse)
No conceber do todo me horroriza;
Seria violar meu ser profundo,
Aproximar-me muito de outros homens.

Uma nudez qualquer - espírito ou corpo -
Horroriza-me: acostumei-me cedo
Nos despimentos do meu ser
A fixar olhos pudicos, conscientes

Dos mais. Pensar em duzer: 'amo-te'
E 'amo-te' só - só isto, me angustia..." (p. 453)

Pessoa rejeita a doação de si, voluntária, que a fusão mental supõe: seria uma espécie de demissão de si. Imagina-se como algo frio:

"Seria doce amar, cingir a mim
Um corpo de mulher, mas frio e grave
E feito em tudo transcendentalmente.
O pensamento agrada-me e confrange-me
Do terror de ter perto, e (junto)
Em sensação ao meu um outro corpo.
Gelada mão misteriosa cai
Sobre a imaginação (...)" (p. 454)
aliás, tal frieza ele a descobre em si:

"(...) eu mesmo
Sinto esse frio coração em mim
Admirado de ser um coração
Tão frio está." (p. 454)

Diante de tão dura constatação, sente-se como injustiçado:

"Vendo passar amantes
Nem propriamente inveja ou ódio sinto,
Mas um rancor e uma aversão imensos
Ao universo inteiro, por cobri-los." (p. 453)**

Pessoa, porém, não se fecha nessa prisão rancorosa, extravasa uma ternura universal, que assume expressão caudalosa no seu conhecido poema *Ode Marítima*, whitnanniano cântico à fraternidade, onde extrai humanidade até das engrenagens da vida contemporânea. É neste poema que o correspondente estrangeiro em casas comerciais, que o poeta sempre foi, se deixa entrever:

"(...) As faturas são feitas por gente
Que têm amores, ódios, paixões políticas, às vezes crimes -
E são tão bem escritas, tão alinhadas, tão independentes de tudo isso!

(...)
Eu é até às lágrimas que o sinto humanissimamente.
Venham dizer-me que não há poesia no comércio, nos escritórios!

** Teria sido o poeta um homossexual? Escreve João Gaspar Simões: "Se homossexualidade havia era apenas platônica. Mas o que nele se manifestava, por certo, era uma sexualidade anormal." *Vida e Obra de Fernando Pessoa*. 6.ª ed. Lisboa: Dom Quixote, 1991. p. 452.

Ora, ela entra por todos os poros..." (p. 291)

A ternura de Pessoa é autêntica, e se reveste de uma delicadeza inusitada:

"E de nada traz tanta religiosidade como olhar muito para gente.
A fraternidade afinal não é uma idéia revolucionária.
É uma coisa que a gente aprende pela vida fora, onde tem que tolerar tudo,
E passa a achar graça ao que tem que tolerar,
E acaba quase a chorar de ternura sobre o que tolerou!" (p. 292)

A rigor, o problema de Pessoa, o seu verdadeiro problema, é a concretude do dia-a-dia, o maçante convívio de todas as horas, a relação Eu-tu buberiana na sua amplitude e na sua rudeza existenciais:

"Só humanitariamente é que se pode viver.
Só amando os homens, as ações, a banalidade dos trabalhos,
Só assim - ai de mim! -, só assim se pode viver.
Só assim, ó noite, e eu nunca poderei ser assim!" (p. 302)

O poeta tem consciência de que não é possível trapacear. Ele, também, sabe que: "O senso de altruidade é aquele que busca o outro. A definição parece simples de masi e fácil o atingimento, mas na realidade esse outro é o objeto mais velado do mundo, sendo ao mesmo tempo jo mais desejado.(...) Mas o outro é difícil, (...) É mais fácil querer bem à humanidade em peso do que ao vizinho que ouve radioteatro. É mais amplo, mais generoso falar num microfone virado para o porvir, atirando palavras para um bilhão de ouvidos que ainda não nasceram, do que entrar num quarto cheirando a remédio e a suor."⁵ Por isso, por exorcizar a hipocrisia, confessa singelamente:

"Não sei sentir, não sei ser humano, conviver
De dentro da alma triste com os homens meus irmãos na terra.
Não sei ser útil mesmo sentindo, ser prático, ser quotidiano, nítido,
Ter um lugar na vida, ter um destino entre os homens,
Ter uma obra, uma força, uma vontade, uma horta,
Uma razão para descansar, uma necessidade de me distrair,
Uma coisa vinda inteiramente da natureza para mim." (p. 302)

⁵ CORÇÃO, Gustavo. A Descoberta do Outro. 9 ed. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1967.p.116; p.117-118.

Não se peja, igualmente, de confessar:

"Eu, que sou mais irmão de uma árvore que de um operário,
Eu que sinto mais a dor suposta do mar ao bater na praia
Que a dor real das crianças em quem batem
(...)" (p. 306)

Esclarece:

"(...)
Fui educado pela Imaginação,
Viajei pela mão dela sempre,
Amei, odiei, falei, pensei sempre por isso,
E todos os dias têm essa janela por diante,
E todas as horas parecem minhas dessa maneira." (p. 309)

Oh... a ternura imaginada de Pessoa! Talvez, aqui mais do que em qualquer outra parte de sua obra, se imponha levar ao pé da letra os seus célebres versos:

"O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente." (p. 97)

Como fazer de conta que não pulsa um sentimento maravilhosamente sentido, biográfico, sob esses versos? Há qualquer coisa de um fundo místico universal, franciscano, zen-budista, taoísta, hippie, nos seguintes versos que, como búzios, ressoam de todos os impulsos esplêndidos da alma humana:

"Eu adoro todas as coisas
E o meu coração é um albergue aberto toda a noite.
Tenho pela vida um interesse ávido
Que busca compreendê-la sentindo-a muito.
Amo tudo, animo tudo, empresto humanidade a tudo,
Aos homens e às pedras, às almas e às máquinas,
Para aumentar com isso a minha personalidade.

Pertenço a tudo para pertencer cada vez mais a mim próprio
E a minha ambição era trazer o universo ao colo
Como uma criança a quem a ama beija.
Eu amo toas as coisas, umas mais do que as outras,

Não nenhuma mais do que outra, mas sempre mais as que estou vendo
Do que as que vi ou verei.
Nada para mim é tão belo como o movimento e as sensações.
A vida é uma grande feira e tudo são barracas e saltimbancos.
Penso nisto, enteneço-me mas não sossego nunca." (p. 373)

Grande é o poeta... mesmo na sua ilha de indefectível solidão:

"Outros terão
Um lar, quem sabe amor, paz, um amigo.
A inteira, negra e fria solidão
Está comigo." (p. 473)

Quando diz: "Quero falar ternura e não sei" (p. 466), pode estar exibindo-nos uma chapa radiográfica de seu espírito. Mas este espírito não capitula. Ainda quando diz, com inexplicável arrogância:

"Eu nunca daria um passo para alterar
Aquilo a que chamam a injustiça do mundo." (p. 173)

e, quase com esnobismo, exclama:

"Deixemos o universo exterior e os outros homens onde a natureza os pôs.
Tudo é orgulho e inconsciência.
Tudo é querer mexer-se, fazer coisas, deixar rastro." (p. 182)

mesmo aí existe um homem solitário que, logo adiante, nos surpreende:

"Arde-me a alma como se fosse uma mão, fisicamente.
Estou no caminho de todos e esbarram comigo." (p. 301)

Noutro passo, assombra-nos:

"Seja o que for, era melhor não ter nascido
Porque de tão interessante que é a todos os momentos
A vida chega a doer, a enjoar, a cortar, a roçar, a ranger,
A dar vontade de dar gritos, de dar pulos, de ficar no chão, de sair

Para fora de todas as casas, de todas as lógicas e de todas as sacadas,
E ir selvagem para a morte entre árvores e esquecimentos,
Entre tombos e perigos e ausência de amanhã.
E tudo isto devia ser qualquer outra coisa mais parecida com o que eu penso,
Com o que eu penso ou sinto, que eu nem sei quel é, ó vida." (p. 301)

O ápice de toda essa efusão é aquele poema impressionante, *A Passagem das Horas*, onde se lê:

"Eu quero ser sempre aquilo com quem simpatizo,
Eu torno-me sempre, mais tarde ou mais cedo,
Aquilo com que simpatizo, seja uma pedra ou uma ânsia,
Seja uma flor ou uma idéia abstrata,
Seja uma multidão ou um modo de compreender Deus.
E eu simpatizo com tudo, vivo de tudo em tudo.
São-me simpáticos os homens inferiores porque são superiores também,
Porque ser inferior é diferente de ser superior,
E por isso é uma superioridade a certos momentos de visão.
Simpatizo com alguns homens pelas suas qualidades de caráter,
E simpatizo com outros pela sua falta dessas qualidades.
E com outros ainda simpatizo por simpatizar com eles,
E há momentos absolutamente orgânicos em que esses são todos os homens.
Sim, como sou rei absoluto na minha simpatia,
Basta que ela exista para que tenha razão de ser." (p. 303)

5. UMA LUZ NO TÚNEL?

Atribui-se ao fundador do Hassidismo, Bal Chem Tov, a seguinte anedota. Certa vez, em viagem para a Terra Santa, o santo homem hospedou-se na casa de um camponês. Durante a noite, Bal Chem Tov sonhou que seu anfitrião iria morrer. Ao acordar, o Mestre orou a Deus:

- Não é possível! Este homem, que me acolheu com tanta generosidade, não pode morrer, assim tão depressa...

Deus respondeu-lhe:

- Já soou a hora dele. Ele deve morrer...

Bal Chem Tov tornou a protestar:

- Isto é um escândalo!

Ouviu, novamente, a voz:

- Já que te revoltas contra o teu Criador, perdeste a tua imortalidade, a tua parte no mundo futuro.

Bal Chem Tov replicou:

- Isto me é indiferente. Que quereis, Senhor, que eu faça com o mundo futuro, se a justiça não existe sobre a terra? O que eu quero é que a justiça reine nesta terra. Quanto a minha sobrevivência, eu vo-la dou...

A voz tornou a soar:

- Pois bem, tu acabas de a recuperar!⁶

Pode-se aplicar a Fernando Pessoa a anedota hassídica - embora noutro contexto. O poeta foi tão humano, expressou a angústia da criatura com tão comovida pureza, desnudou o desassossego criatural com tanta "naturalidade", que a sua fenomenologia do cansaço pode ser considerada um eco daquele terrível: "sereis como deuses" do Gênesis. A recuperação da Esperança ser-lhe-á, sem súvida, assegurada. Não foi ele quem, de resto, a deixou entrever nestes versos enigmáticos:

"Tomara eu ter jeito
Para ser feliz...
Como o mundo é estreito,
E o pouco que eu quis!"? (p. 45)

Não escreveu, ainda:
"Tudo o que sonho ou passo,
O que me falha ou finda,
É como que um terraço
sobre outra coisa ainda."? (p. 301)

Finalmente, impossível não se emocionar com os seguintes versos:

"A criança que ri na rua,
A música que vem no acaso,
A tela absurda, a estátua nua,
A bondade que não tem prazo -
Tudo isso excede este rigor
Que o raciocínio dá a tudo,
E tem qualquer coisa de amor
Ainda que o amor seja mudo." (p. 575)

As epopéias de outrora - a saga das navegações ao redor do mundo - cederam lugar às navegações intravenosas de hoje, quando os gênios viajavam ao redor da alma. Camões ilustrou a vitória do homem sobre o mar; Pessoa, o triunfo do homem sobre o desespero. Mesmo beirando-o constantemente, não se rendeu às imposições paralisantes da lucidez. Deixou-nos um testemunho lancinante da criatura envolvida pela noite escura - de Jó a São João da Cruz, ou Dietrich Bonhoeffer - cujas

⁶ cit. pelo Rabino Josy Eisenberg. In: W. AUTORES. *A Sobrevivência Depois da Morte*. São Paulo: Difusão européia do Livro, 1969.p.179.

trevas são trespassadas por luzes de um instinto, sobrenaturalizado às vezes pela graça. Não tentemos forçar Pessoa a dizer o que não disse. Guardemos-lhe os vislumbres. Se regressamos à objetividade de seus textos, somos obrigados a uma esquematização, que nada tem de particularmente otimista. A sua luz é uma luz de viés, indireta, que basta para conferir à sua obra um halo humanista que o situa entre os maiores gênios da humanidade. Quanto ao resto, digamos, com simplificação, talvez grosseira, mas não de todo infiel: existem quatro Fernandos Pessoas;

I. O primeiro é **Alberto Caeiro**. Não quer pensar, para sentir apenas. No fundo, deseja uma vida animal que pudesse ser humana.

II. O segundo é **Ricardo Reis**. Quer pensar, para poder aceitar e aceitar-se. No fundo, deseja uma vida divina, que pudesse ser humana.

III. O terceiro é **Álvaro de Campos**. Não quer pensar, para revolucionar as teorias em voga. No fundo, deseja uma vida humana, que nunca teve nem terá.

IV. O quarto é o **ortônimo**. Sonha com um sentido atrás das coisas (no passado e no presente), e com uma esperança (no futuro). No fundo, é o Fernando Pessoa como existiu, salvo talvez que nunca quis ser o que foi.⁷

NOTAS

¹ ed. Lisboa: Verbo, 1969.

² COELHO, Jacinto de Prado. *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*. 3 ed. Lisboa: Verbo, 1969.p.239.

³ *O Livro do Desassossego*. Lisboa: Ática, 1982. v.I p. 17. (Prefácio e organização de Jacinto do Prado Coelho).

⁴ *A Filosofia Contemporânea Ocidental*. São Paulo: Editora Herder, 1962. p. 160.

⁵ *Le Mythe de Sisyphé*. Paris: Gallimard, 1966. p. 15.

⁶ *Ortodoxia*. 4 ed. Porto: Tavares Martins, 1958. p. 114.

⁷ Sobre o ocultismo de Fernando Pessoa:

Em nosso ensaio prescindimos dos aspectos ocultistas da poesia de Pessoa. Sabe-se que o poeta se dedicou ao estudo de obras teofísicas, algumas das quais traduziu, a partir de 1915. Sabe-se, ainda, que pensou seriamente em estabelecer-se em Lisboa como astrólogo profissional. No seu famoso baú encontrou-se um *Tratado de Astrologia*, que continua inédito, composto pelo próprio poeta. Nem se deve ignorar as relações de Pessoa com o mago inglês Aleister Crowley (1857-1947), da Ordem Hermética da golden Dawn (à qual pertenceu o poeta William Butler Yeats), que acabou fundando, após sua expulsão do mencionado círculo, outra Ordem, a da Stella Matutina. Finalmente, convém levar em consideração o "nacionalismo místico, o sebastianismo racional" do autor de *Mensagem*. Talvez se possa condensar a presente questão nas seguintes palavras de Jorge Fazenda Lourenço: "A visão esotérica do mundo atravessa toda a poesia de Fernando Pessoa, heterônima ou não, e vem já desde os tempos de Alexander Search (Alexandre Busca), ou seja, desde os seus dezoito anos." (Introdução a *Poemas Escolhidos de Fernando Pessoa*. 2 ed. Lisboa: Editora Ulisséa, 1988.p.82). Julgamos que tais concepções esotéricas e ocultistas de Pessoa não invalidam nossa análise. Nossa intenção foi estudar - não o que não aparece, o subjacentem o iniciático, o oculto - mas antes o que aparece, e pode ser lido "immanentemente". Aplicamos aqui a regra relativa à tradução: é fundamental, não o que o poeta quis dizer, mas o que disse.